

Curso Gestão e Liderança de Equipes - Trabalho Final:

Aplicação dos princípios metafísicos e éticos do Báb como uma forma de melhorar a performance como líder e atingir a excelência no trabalho.

1.	Introdução	2
2.	O que motiva um trabalho ou uma ação	2
I.	A Ética de Kant x a Ética utilitarista	2
II.	O Conceito de “Coração” (em árabe fu'ád).....	3
III.	A Ética do Báb.....	3
3.	Liderança Moral	5
4.	Apêndice – Quem foi o Báb.....	6
I.	(Tradução livre de trecho da obra: Gate of the Heart – Nader Saiedi)	6

Data	Versão	Autor	Observações
10/11/2019	1.0	Farzin Bassiri	Versão inicial
12/11/2019	1.1	Farzin Bassiri	Correção de pequenos erros na escrita

1. Introdução

Muitos dos conceitos trazidos para comportamento do líder levam a uma forma de conduta que ao mesmo tempo desenvolve os liderados e obtém de cada um deles um benefício em troca, seja em incremento de produtividade, melhora da qualidade do trabalho, nível de comprometimento ou maturidade emocional. Aqui surge um questionamento ético: o líder deve se preocupar genuinamente com o liderado, afinal como inspirar alguém cuja história é desconhecida? Como, então, ser um líder sem perder o caminho da ética que o impede de ver as pessoas como ferramentas para o próprio sucesso¹? Neste caso o líder corre o risco de se transformar em um manipulador. Onde e como encontrar tênue linha que permeia a ética do líder? Não será o líder aquele que irá orquestrar os esforços individuais para atingir o bem comum²? A busca pelo bem comum requer de cada indivíduo a renúncia do bem pessoal em detrimento de algo de maior relevância, neste caso o sucesso coletivo corporativo.

Este trabalho tem como propósito trazer ao cotidiano profissional alguns princípios filosóficos e metafísicos, que independente das crenças individuais, podem ser uma resposta a esses questionamentos. O tema é bastante amplo e profundo. Este trabalho irá apenas abordar a superfície desta temática.

Os conceitos metafísicos a serem apresentados são baseados na teologia do Báb e foram extraídos do livro *“Gate of the heart: understanding the writings of the Báb, Nader Saiedi - ISBN 9781554580354”*. Mais informações sobre o Báb podem ser vistas no apêndice deste trabalho.

2. O que motiva um trabalho ou uma ação

I. A Ética de Kant x a Ética utilitarista

A ética kantiana rejeitava a filosofia ética utilitarista que definia a moralidade de uma ação em função do cálculo das consequências, tornando as ações dirigidas à busca de um estado de felicidade e prazer. No contexto corporativo pode-se assumir esse estado de felicidade e prazer como um resultado alcançado ou meta superada. Kant argumentava que a moralidade de um ato pode ser julgada independentemente de tal cálculo de consequências. Afirmou que a "boa vontade" é moralmente boa em si mesma, e assim definiu a ação moral como uma ação motivada pela boa vontade, derivada da própria forma da ação, generalizada através do **imperativo categórico**³: *“deve-se agir de tal maneira que o ato possa servir como uma regra universal de comportamento para todas as pessoas”,* ou em sua variante *“Aja de tal forma que uses a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo como fim e nunca simplesmente como meio”*. Mais especificamente, deve-se tratar os outros seres humanos por eles mesmos sem esperar recompensa e não como meros instrumentos para a obtenção dos próprios fins. A essência do imperativo categórico kantiano é que a ação não deve ser apenas um meio de alcançar os próprios desejos. A ação moral requer

¹ O utilitarismo é uma linha filosófica do século XVIII que definia a moralidade em termos do cálculo das consequências que levavam à maximização da felicidade.

² No mundo corporativo o bem comum pode ser tido como o atingimento dos resultados esperados pelos acionistas

³ “Kant distingue entre imperativos hipotéticos e categóricos. O imperativo é hipotético quando a ação que ordena é boa para atingir alguma finalidade, isto é, é boa para alguma outra coisa; é categórico quando a ação que determina é boa em si.” – ‘10 lições sobre Kant, 9ª edição’

uma preocupação universal por todos os seres humanos que não podem ser reduzidos a meros instrumentos ou condições.

Assim, na ótica kantiana, o líder deve desenvolver as competências dos liderados puramente por ser esta uma ação motivada pela boa vontade, independente de se obter uma recompensa, neste caso, independentemente de obtenção do sucesso corporativo. Essa visão é incompatível com o mundo corporativo, uma vez que as empresas devem se preocupar com o resultado obtido, mesmo aquelas que não possuem fins lucrativos, necessitam atingir seus objetivos, mas por outro lado assumir a ética utilitarista também não se mostra plenamente adequado às corporações uma vez que se as decisões do líder forem tomadas exclusivamente através da medição do retorno a ser obtido, corre-se o risco de nenhum liderado ser desenvolvido, afinal um profissional melhor capacitado pode se sentir apto a trocar de emprego e, assim, por a perder todo o esforço em treinamento e empoderamento empregados. Outro ponto ainda é o risco de o líder manipular as pessoas para atingir um resultado desejado.

II. O Conceito de “Coração” (em árabe fu'ád)⁴

Mas se por um lado a ética utilitarista e do outro lado a kantiana não são capazes de delimitar o comportamento do líder, podemos encontrar uma resposta na ética metafísica apresentada pelo Báb.

Para entender a ética dos ensinamentos do Báb, é necessário compreender o conceito de “coração” ou fu'ád.

O conceito de “coração” é um dos princípios mais importantes nos escritos do Báb. A posição do coração é o estágio mais alto da realidade existencial de um ser criado. É o reflexo da própria revelação divina dentro da realidade mais íntima das coisas. É onde e como os atributos divinos se refletem em toda a criação, não apenas nos seres humanos, mas toda a criação se conecta com a divindade através deste conceito.

O Báb afirma que cada entidade criada em si mesma reflete o mundo numênico e, em particular, cada ser humano reflete no seu coração a imagem da divindade.

Podemos imaginar uma televisão e uma antena conectados através de um cabo. O “coração” ou fu'ád é a conexão da antena com a televisão. Se esta ficar suja ou oxidada, o sinal captado pela antena não poderá chegar à televisão. Através do constante cuidado com a espiritualidade mantemos a conexão limpa e podemos então mostrar na tela da televisão o sinal divino captado pela antena, ou seja, podemos refletir os atributos divinos em nossa realidade mais íntima.

III. A Ética do Báb

O imperativo universal do Báb tem uma semelhança óbvia com o imperativo categórico da filosofia kantiana, ainda que em muitos aspectos importantes transcenda a formulação kantiana, o imperativo universal do Báb inclui os elementos positivos da teoria kantiana, isto é, deve-se agir sem levar em conta os próprios desejos e sem esperar recompensas ou benefícios externos. Mas o Báb também define esse princípio de uma maneira que liga a moralidade à

⁴ Em árabe existem diversas palavras que podem ser traduzidas como coração, mas em especial o termo fu'ád se refere ao coração de forma transcendental, como o âmago de um ser, sua essência mais íntima.

jornada espiritual: deve-se agir da mesma maneira que Deus age em relação a todas as coisas. **Nenhum ato de Deus é motivado por qualquer expectativa de benefício para Si mesmo:** Ele é o Supremo Todo-Misericordioso que emana Seus favores e graças sobre todos – mesmo para aqueles que O rejeitam - independentemente de suas ações. Os seres humanos, o Báb afirma, devem agir dessa maneira em relação aos outros também. Nenhuma ação deve ser motivada por algo que não seja **o prazer espiritual intrínseco de realizar a boa ação em si.**

Apesar da semelhança entre o imperativo moral do Báb e o da filosofia kantiana, existem diferenças significativas entre os dois. Primeiro, na filosofia kantiana os fenômenos naturais não têm direitos morais. Em contraste, o imperativo do Báb se aplica a todos os fenômenos. Segundo o Báb, a moralidade é o processo místico de se obter o beneplácito divino. Essa orientação mística é ditada pela lógica do amor universal. A teoria kantiana desconsidera o significado do amor como a base da ação moral. Nos escritos do Báb, entretanto, a moralidade é definida como um tipo de ação que é orientada a contemplar o Semblante do Amado dentro do coração (Fu'ád) e dentro de todos os seres.

De fato, nos escritos de Báb, as duas categorias opostas representadas pelas teorias utilitarista e kantiana estão unidas. A filosofia da moralidade incorporada nos escritos de Báb poderia até ser considerada um utilitarismo espiritualizado. Discutindo a lembrança interior de Deus, o Báb diz que a pessoa deve contar as consequências de sua ação, e que tal discernimento é a fonte de todo o conhecimento moral. Este cálculo das consequências deve levar em conta a ação tanto na dimensão física quanto na espiritual: deve-se verificar não apenas o montante exterior da prosperidade, mas também a saúde interna e a dignidade da alma. Esse cálculo deve ser orientado não só para a própria felicidade (interior e exterior), mas também para a felicidade de todos os outros. Assim, o utilitarismo torna-se inseparável dos imperativos universais e da preocupação com a serenidade interior.

Como pode ser visto, a abordagem do Báb para a conduta humana coloca uma visão interessante para o papel do líder no mundo corporativo. Ao desenvolver competências em sua equipe, o líder deve olhar não apenas os resultados a serem obtidos para a empresa ou para si mesmo, mas antes deve ter o olhar do amor e, através desse amor tanto ao liderado quanto à própria empresa, agir através da boa vontade kantiana em todas as suas atitudes, conduzindo a equipe rumo ao bem comum e colhendo os benefícios à corporação e a si mesmo simultaneamente em que é motivado por um aspecto muito mais nobre que a obtenção de um resultado financeiro.

Por outro lado, o líder ao executar suas tarefas, deve ter em mente um efeito derivado deste imperativo universal apresentado pelo Báb, onde cada ação necessita ser um meio para realizar as potencialidades das coisas, o embelezamento e o refinamento do mundo. Este princípio é um dos principais critérios para uma ação aceitável. O princípio da perfeição se refere ao dever moral de todos os seres humanos em exercer seus maiores esforços para realizar as potencialidades de todas as coisas no mundo. Este dever baseia-se na ideia de que o céu e o inferno se aplicam a todos os seres e que o estado de perfeição de uma coisa é o seu paraíso. Os seres humanos, no entanto, são obrigados pelo Báb a assegurar que todos os fenômenos atinjam sua perfeição porque "nenhuma coisa criada haverá de atingir seu paraíso, a menos que apareça no mais alto grau de perfeição que lhe foi prescrito⁵". Assim, as pessoas em qualquer

⁵ Seleção dos Escritos do Báb, página 94, 1ª Edição – Editora Bahá'í do Brasil, 1978

atividade que estejam envolvidas, seja no âmbito da indústria ou da arte, devem executar esse trabalho da melhor maneira possível e realizar a máxima perfeição em todas as coisas.

Podemos ver, no utilitarismo espiritualizado do Báb, bem como em Seus imperativos universais, que se deve levar em conta não apenas os interesses dos seres humanos, mas os interesses de todas as coisas criadas porque o reino da natureza é dotado de direitos morais, bem como significado espiritual. A distinção espiritual dos seres humanos é realizada não dominando a natureza, mas cumprindo seu dever de facilitar sua realização até a perfeição, como seu "paraíso".

Uma ampla discussão sobre este princípio pode ser encontrada no Kitábu'l-Asmá' (O Livro dos Nomes Divinos). Ao discutir o título divino, o Mais Perfeito, o Báb convoca as pessoas para que reflitam a perfeição da obra de Deus ao exercerem sua profissão, manifestando no trabalho a perfeição divina. Neste livro o Báb eleva a posição do trabalho executado à máxima perfeição que uma pessoa é capaz como uma reprodução da perfeição divina dentro de seu próprio ser. Assim seja produzindo em larga ou pequena escala, manufatura ou prestação de serviço, as empresas devem através da busca pela excelência, reproduzir a perfeição da criação divina. Ao buscar a perfeição nas artes e na indústria, os seres humanos manifestam a perfeição divina dentro de si mesmos, e assim, a ação humana torna-se uma ação divina.

Essa abordagem do Báb sobre a perfeição na indústria, no trabalho e em todas as atividades exercidas pelas pessoas tem especial impacto sobre o líder, afinal se um dos papéis do líder é direcionar os esforços individuais para atingimento do bem comum, o desejo em ajudar cada pessoa a atingir a plenitude de suas capacidades é ao mesmo tempo fazê-la atingir o paraíso como profissional e deixar sua contribuição à excelência corporativa. Assim o líder passa a refletir a perfeição divina em seu coração (fu'ád) sentindo o senso de autorrealização tão procurado pelos profissionais e recebendo como recompensa o prazer transcendental intrínseco de realizar a boa ação em si. Ao final, todos são beneficiados, o liderado foi guiado à perfeição em suas atividades, o líder além de ter o prazer transcendental pelo desenvolvimento do time, colhe os frutos deste desenvolvimento levando à empresa a prosperar e a humanidade como um todo colhe os frutos deste processo de liderança.

3. Liderança Moral

Esse assunto é de grande complexidade e certamente não foi completamente esgotado. Se um líder, independente de suas crenças aplicar os conceitos aqui tratados, sem dúvidas terá êxito no desenvolvimento do time.

É impossível deixar de citar as características de um líder moral apresentado por Eloy Anello⁶ como uma alternativa à liderança formal:

- Um forte, profundo sentido para perceber os problemas atuais e do futuro;
- Habilidade para comunicar essas preocupações com clareza e significado, criando assim um forte senso de compromisso de outras pessoas para com suas ideias;
- Desejo de desenvolvimento de todos, o crescimento pessoal; permanente e o fortalecimento de cada indivíduo como fundamental para o sucesso dos projetos e das comunidades;
- Cultivo cuidadoso de sua própria intuição;

⁶ <http://www.sefidvash.net/eng08006/htms/cap10.htm>

- Finalmente, o líder de amanhã deve estar comprometido com a celebração e a alegria, com as pessoas e as riquezas humanas, ter uma profunda crença na dignidade, amor e potencial criativo de cada pessoa, para poder enfrentar os desafios do próximo século com segurança e sucesso.
- Perfil do líder que o mundo necessita hoje é daquele
 - Cujo propósito é a transformação individual e social;
 - Comprometido totalmente com valores e princípios morais baseados na livre investigação da verdade;
 - Inspirado por um sentido de transcendência;
 - Guiado no exercício de suas capacidades para o serviço ao bem comum.

4. Apêndice – Quem foi o Báb

I. (Tradução livre de trecho da obra: *Gate of the Heart* – Nader Saiedi)

Na metade do século dezenove, o mundo do islã xiita estava em um estado de intensa expectativa pelo Messias. Crentes devotos aguardavam o advento da figura sagrada conhecida como o Décimo Segundo Imame, que estivera oculto por mil anos. De acordo com as profecias registradas nas Tradições, quando o Imame Oculto aparecesse, ele se levantaria, assim como o Qá'im, para desencadear a "jihad" – guerra santa – sobre as forças do mal e da descrença, e prenunciaria o Dia do Julgamento e a Ressurreição. Em 1844, quando um mercador de *Shíráz*, na Pérsia, meigo e requintado, aos vinte e cinco anos de idade, declarou ser aquela figura prometida da profecia islâmica, uma onda de choque foi lançada sobre a sociedade persa.⁷ Seu nome era Siyyid 'Alí-Muḥammad *Shírází*, e adotou o título de Báb (a Porta). A resposta ao Báb e Seus ensinamentos variaram desde a aceitação em êxtase por aqueles que se tornaram Seus seguidores, até a hostil e violenta rejeição pelo governo e pela hierarquia clerical. Determinadas a extirpar a religião recém-nascida, as autoridades lançaram uma campanha de perseguição brutal contra os bábís, culminando com a execução do próprio Báb ante um pelotão de fuzilamento na praça pública de Tabriz em 9 de julho de 1850.⁸

De fato, o Báb fizera uma reivindicação ainda mais surpreendente que aquela de ser o Qá'im. Ele também afirmava ser tanto um novo Profeta quanto o arauto de ainda outra figura messiânica, ainda maior que Ele próprio, aludido como "Aquele que Deus tornará manifesto". A essência e o propósito da própria missão do Báb (como o Báb sempre enfatizou) era preparar o povo para este segundo e maior Advento. Em 1863, um dos seguidores do Báb, Mírzá Ḥusayn 'Alí-i-Núrí, Bahá'u'lláh, anunciaria publicamente ser aquele Prometido. No século seguinte, a religião fundada por Bahá'u'lláh – a Fé Bahá'í – atrairia aderentes de muito além do Irã e do Oriente Médio, e se tornaria uma religião mundial com milhões de seguidores sobre o globo.⁹

⁷ Nesta obra, pronomes referindo-se a Deus e aos Manifestantes de Deus (a Vontade Primaz) se iniciam com letra maiúscula. Este estilo, introduzido por Shoghi Effendi, serve para assinalar a posição ontológica do Manifestante de Deus/Vontade Primaz na teologia bábí e bahá'í.

⁸ Aquela campanha de genocídio cultural continua atualmente contra os herdeiros espirituais dos bábís, os bahá'ís.

⁹ vide Saiedi, *Logos and Civilization*.